

VOL. I.

A GRINALDA.

N. 6.

JORNAL DOS DOMINGOS,

DOMINGO 3 DE SETEMBRO DE 1848.

Na lida da humana vida
Deve por-se de permeio,
P'ra suavisar o trabalho,
Adistração e o recreio.

A GRINALDA Subscrye-se nas lojas de papel dos Srs. Cardozo & Comp., rua do Ouvidor n.º 91; Passos na mesma rua n.º 152; Teixeira & comp.ª rua dos Ourives n.º 21, a 20000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

AS TRES FLORES

(Canto Virginico-instructivo.)

DE

JOSÉ ANTONIO DO VALLE.

As flores, que nascem na alma [de
uma virgem, tem o aroma da candida
virtude, e recendem a sabiduria moral
indifinida do seio de Deos, que nos não
é dado entender.

Tão pura como os anjos, a virgem
lê a historia da humanidade, e conhece
a sua relação com o Criador.

Feliz é ella unicamente na terra.

PRIMEIRA PARTE.

AS FLORES.

—Para que apanhaste estas flores? minha filhinha? Não
sabes que ellas vivem como nós, e que estavam no seio de
suas mães-sinha?

—Oh, meu pae-zinho, eu vou botal-as lá onde estavam.

—Não; tu as destruiste; suas mães, as plantas d'onde ellas nasceram, não poderão mais alimental-as; tu quebraste os laços da natureza.

—Cruel que fui eu! Choraria até morrer si me arrancassem de meu pae. Coitadinhas das minhas flores! Ellas hão de chorar também! Si os meus beijos e as minhas lagrimas podessem consolal-as! oh si eu fui tão má é porque não segui os conselhos do meu pae-sinho.

—Não has de ser mais tão má. Não arrancarás as flores; porque ellas tem vida assim como os passarinhos, e os seus filhotes nos seus ninhos.

—Só quero entreter-me em ouvir ao meu bom pae-sinho.

—Sim: eu te contarei cousas bem bonitas.

—Então, meu pae-sinho, conto-me ja. O que é a natureza, de que Vm. me fallou agora; e quem creou isso?

—Deos, unica coisa que por si podia existir, e que existe de todos os seculos, foi quem creou tudo quanto sentes em roda de ti e quanto se acha em todo o Universo. E o universo é o que chamamos natureza.

—Então estas florinhas poderão ser chamadas—natureza?

—A natureza, para que possa ser comprehendida pelos espiritos fracos como o teu, deve ser considerada em partes.

—Que partes são essas? meu querido pae-sinho!

—A natureza ou é espiritual, ou material. A material é formada por todos os corpos, isto é, por tudo o que tu podes ver, ouvir, cheirar, gostar e tocar. E a espiritual é formada por todos os espiritos ou anjos, nossas almas e as forças que determinam os movimentos dos corpos.

—Então, são duas naturezas?

—Não, minha filhinha. Deos creou os espiritos, que influem sobre a materia ou os corpos, e dahi resulta uma coisa unica—a natureza—. Esses espiritos são de duas ordens: uns, a que chamamos forças, que regem os phenomenos que vemos apparecer na materia; e os outros intelligentes, que pensão, que conhecem, e que sabem que existem.

—E como se chamam estes?

—Anjos, e almas dos homens.

—E como é que a gente sabe disto?

—Tu não entendes, minha filhinha, o que te estou dizendo?

—Sim, senhôr, estou entendendo.

—Pois isso, que te faz entender, é a tua alma. Cada um de nós tem a sua com que sente e conhece as cousas de que te estou fallando.

—Mas de que modo?

—A alma é sensível, intelligente e livre. No estado de sensibilidade ella pode ser modificada em presença dessas duas sortes de seres da natureza. A sua sensibilidade é physica, quando apparece no momento em que os nossos orgãos se movem pelo contacto de um corpo ou materia qualquer; e moral, quando se manifesta em seguida de um acto de liberdade, ou em presença de um ser espiritual.

—Para entender-mos as cousas basta que as sintamos?

—Não: sentir não é conhecer; mas logo que sentimos, a intelligencia se põe em acto, apparece a sua percepção, e nós tomamos idéia ou conhecimento das cousas.

—Bem, meu pae-sinho irei estudar tudo isto para lhe repetir amanhã.

—Espera, minha filhinha, ainda tenho uma coisa para dizer-te. A nossa alma, tão activa como é, não para no conhecimento da natureza physica e da natureza moral, ella busca ainda, por sua intelligencia, conhecer as relações que existem entre estas duas sortes de seres, e forma dahi um grande numero de cousas.

—E como se chamam ellas?

—Seres metaphysicos, —formados pela nossa alma, e não existindo fora d'ella.

—Então, meu pae-sinho, podemos dividir a natureza em tres castas de seres: physicos ou materiaes, metaphysicos, e moraes.

—Sim, minha filhinha! Quanto me alegro por me teres comprehendido.

Era este o colloquio que Bernardo José do Itapera, homem de um bom caracter e de uma alma illustrada, tinha com sua filha Rosa, menina de treze annos, linda como a flor cujo nome se adornava.

Findo elle, os dous se retiraram do *Capão do Ipé* para sua casa, não muito distante d'ali. Bernardo voltou á seus trabalhos de agricultura; Rosinha foi estudar o que ouvira de seu pae.

O *Capão do Ipé* distará pouco mais de meia legua da Povoação de S. Anna, perto das margens do Caby, que vai desaguar na Lagoa do Viamão.

(Continuará.)

O SINO.

Si les cloches eussent été attachées à tout autre monument qu'à des églises, elles auroient perdu leur sympathie morale avec nos cœurs.

(CHATEAUBRIAND—Génie du Christianisme.)

I.

Pendido de alta torre o bronzeo sino, tem em seus sons variados a poesia mais elevada da dôr e do prazer. Desde a mais tenra idade, o homem, acostumado a seus échos queridos, ou antes a deliciosa musica do sino da sua aldeia, não pôde deixar de sentir-se de sua falta, quando nos desertos da Africa, ou sobre os Andes da America não ouve mais aquella voz familiar da igreja da sua terra.

O doce cantar dos passaros da floresta, os gritos agudos das feras das brenhas, o deloitoso murmurio da agua do riacho, o ameno ruido da brisa sobre os galhos, tudo tem encantos e prazeres; mas não tão mimosos, nem tão ternos como os do som do sino da terra natal.

Quem desconhece e não sente esses toques da festa e da agonia, das horas e da missa? nascemos com elles e com elles morremos.

A posição superior que occupa, o lugar sagrado que cobre, o ar que faz vibrar em torno, a massa dos fieis que chama ao templo, os signaes da dôr que envia aos habitantes; tudo isto espalha em nossa alma o interesse mais particular por elle.

Nós amamos este sino, nós o amamos muito como, a nossa mãe; quando nos separamos da patria, duas coisas nos vibram aos ouvidos docemente: é a suave voz da nossa querida mãe e o toque do sino de nossa aldeia; todas as outras recordações são secundarias.

Oh! as recordações delle são grandiosas, são lembranças do céu e de Deos, lembranças de nossa mãe que deixamos lá na terra da patria chorosa, pela auzencia do filho, incerta, coitadinha, pela sorte delle.

E quando longe de todos estes objectos queridos, nós adormecemos debaixo da copada ramagem do loque, ou ao pé da palmeira do deserto, sonhando, nós ouvimos o seu tanger.

E quando sentados, nas horas da ausência, sentimos o fresco bafejo da brisa da tarde, também ouvimos misturados com o seu susurro o tanger do sino da patria.

E quando á beira do mar, sobre a rocha musguenta da costa, brincamos com os seixinhos humidos pela espuma das ondas que rolão uma após outra, nesse ruido distinguimos também o tanger do sino da nossa terra. —

Uma voz secreta parece então, dizer-nos, que tudo na patria tem saudades por nós.

Muitas são as nossas, e nessa melancholia angusta quizeramos naquella hora estar sentados debaixo do alpendre da igreja, ou na torre brincando com o sino; o que faziamos todos os dias quando eramos crianças.

II.

Era alta noite, escura e fria, sentado no modesto banco da choupana eu ouvi o toque da agonia.

Estremeci. . .

Um suor frio percorreu meu corpo, levantei-me e orei.

Assim ora o christão; porque aquelle sino annunciava que uma alma tinha sido chamada diante do Juiz Supremo.

Era a hora derradeira; era a ultima convulsão da vida para aquelle que estirado sobre o leito do passamento, talvez ouvisse o signal que o dizia morto, — e elle orou também.

Neste momento o mocho nocturno fez soar seu grito horrendo, que, confundido com o écho agonisante, formava uma melodia terrivel; mas sublime e tremenda. A esta hora tudo era eterno misterio. Tudo erão trevas e certezas pungentes; a esta hora é que se fazem os poetas. —

Amanhã soará ainda o sino para acompanhar o defunto ao cimiterio, e então seu dobrar compassado e monotono chamará á oração a o bom e o máo christão; porque nestas scenas sente-se a alma abatida, e a realidade da existencia apresenta-se igualmente a todos. Ninguém ouvirá o sino sem estremecer nesta hora solemne.

Como instrumento acompanha as differentes situações da dôr, sua musica é de uma execução facil mais sonora e terrivel.

Ora baixa, ora mais baixa ainda, ora indecisa, confuso perdendo-se em lagrimas e ais; ou repercutindo seus sons pelo tristonho arvoredo do cimiterio, gemendo sobre as lajes das sepulturas, ou echoando sobre as pretas cruzes da cova.

Eu tinha o coração triste, era um acto solenne, a hora era
semelhante aquella do Gálgotha; tudo era dôr e saudade!-
Uma lagrima para ti bom christão que te finastes.
Uma oração a Deos, pela alma, que para elle foi chamada.
E o sino tangia a musica da agonia.
A noite estava escura, o vento sibilava por entre o colmo da
choupana.

Esse tanger semelhante a lentas pulsações de coração que
expira, esvaecia-se como a vida que finava, ou como sem
que se perde nas ultimas ondulações do ar.

Nada mais ouvi, tudo era silencio, mas a noite estava
escura e fria.

Neste momento julger ver visão estranha...

Era a imaginação do homem surpreendida pelo terror da
solidão das trevas.

(Continuará.)

A FLORINHA DA FONTE.

Bemdito Senhor, que deste
No deserto uma fontinha;
Bemdito tu que criaste
Junto a fonte uma florinha.

A. X. L. CORDEIRO. (O Vão d'Alma)

Por aqui passa o ribeirinho, bordado de humidas pedrinhas
e de meiga relva viçosa; borbulha sonhando em sua fonte,
e brando e mysterioso leva a sua agua de brilhantes,
por entre o verde da mais linda planície.
Uma lagrima debaixo da pedra, indica o seu chorar—a sua
nascente.

E mansas se deslizam depois essas gotas espalhadas—e man-
sas continuam seu pranto de amores solitarios.

Elle vive ali só, longe do raído do mar—do rugir do rio
—do açoutar dos ventos!

Elle só ali existe—nesse mesmo lugar o criou Deus—
nesse lugar jamais ninguém o visitou.

Nasceu filho da melancholia!

Nasceu de noite quando a lua reflectia um dos seus pa-
lidos raios sobre sua mãe!

Pobre que assim gerou um filho em sua triste solidão!

Apenas gemeu com a brisa que se escoava por entre os
galhos da floresta!

Ninguém a ouviu—ouviu-a Deus—; e ao outro dia, cavou na planície o berço desse pequenino triste—ornou-o de redondas pedrinhas brancas—matisonou-o de relva maeia—e em sua cabeceira collocou uma florinha.

E' a florinha da fonte.

Levantou-se apenas de um montãozinho de terra humedecida—abriu uma singela coroa pequenina de côr azulada e de suave perfume.

Em cima—lá onde borbulha a agua—ahi se balança ella em languido meneio.

Quando passa a borboleta, não se poisa sobre ella, que a não poderia sustentar.

Quando o sol arde ao meio-dia, ella esconde-se abatida—quasi murcha; e depois com as primeiras gotas do sereno vicia de novo para adormecer sem cuidados.

E em seu berço sonha brincando o pequeno melancólico filho da solidão.

De madrugada desperta a flor e brilha com uma gota de orvalho pendida em seu diadem.

A sua côr é a côr do céu—o seu perfume é doce halito—o seu movimento é tenue tremor.

E boijando o seu ribeirinho, parece dizer-lhe: não te esqueças de mim!

Aos suspiros da virgem que lhe hafejão em torno acolhen-de-os chama-os seus companheiros.

E' que a virgem é como ella—um anjinho na solidão.

E' que a virgem, que jamais a viu, como ella é meiga, é doce, é modesta e simples.

Uma florinha assim, é uma virgem que innocente recosta a fronte sobre uma alma de tristuras.

A virgem—é como a florinha—ninguém ama; porque jamais a virão—e com que amor se amaria a sua alma candida?

Talvez com amor de anjo—amor de fonte, e não com profano amor de homem.

São ambas eguaes.

Uma não sabe amar senão ao seu queridinho—o seu ribeiro.

A outra ama a sua innocencia, porque com ella creceu—viveu—brincou: ama os seus suspiros que lhe brincão nos lábios.

Quando ella quizer amar perderá a sua innocencia—morre com ella.

Quando a florinha da fonte quizer mais do que essa divina solidão—murchará—cahirá—e morrerá.

E em um dia o sol brilhava mais forte e foi a virgem ao prado; subiu pelo ribeirinho e chegou bem perto da florinha azul.

« Não te esqueças de mim » dizia ella.

Pobresinha foi colhida—murchou depois.

Longe da sua pequena patria suspirosa deixou de existir.

Secou-se o ribeirinho;—apenas branca areia mostrava ter elle ali vivido.

Abandonado que mais lhe restava?

Depois de algum tempo nesse mesmo lugar, quando ao anoitecer, chorava uma virgem isolada.

Erão suas lagrimas, a agua do ribeirinho.

Era ella, a florinha da fonte.

L. C. A. Junior.

O DESENGANO.

Fui presa de mil tormentos
Quando amor me festejou,
Hoje a amizade formosa
Minha vida serenou.

Outrora o dia sem laz
Procelloso me corria,
Hoje lucido e brilhante
Serenou me passa o dia.

Outrora a noite medonha
Delirios e dor me dava,
Hoje gozo descuidosa
Prazeres da noite ignava.

Hoje a matina me agrada
E me agrada o anoitecer;
Pensamenteio saudades
Do tempo que hade correr.

Gosto do frio do inverno,
E do calor do verão,
Apraz-me o canto das aves
Seja qual for a estação.

Ternas florinhas dos campos
Minha trança formoseão,
Copadas arvres dos matos
A minha sesta sombreão.

M. L. C. F.

MARUCAS DA RESTINGA

NOTE.

Ainda depois de morto
Debaixo do frio chão
Acharás teu nome escripto
Dentro do meu coração.

GLOZA.

Se viesses ao' amma activa
Que a minh'alma dá calor,
Oh! nem terias valor
Em a ver tão afflictiva!
Mas tu, que és só quem motiva
O meu mal sem dar conforto,
Vem navegar n'este porto,
Pois como eu nunca jurei,
Prometto que te amarei
Ainda depois de morto.

Em qualquer parte onde fores
A teu lado ver-me-has
Sem querer exclamarás
Possuida de terrores:
— Eis aqui os meus amores! .
E quando, com peito afflicto
Tu resares o benedicto
Para te hires deitar
Nas paredes, e no ar
Acharás teu nome escripto.

E para melhor provar-te
Minha sincera paixão,
Mesmo dentro do caixão
Tu me verás abraçar-te.
Meu amor hade lembrar-te
Que te appareço em visão
Proferindo a exclamação
Eu morro por ti querida,
Por ti me dispo da vida
Debaixo do frio chão

Quando o tempo, o corpo meu
A cinzas tiver tornado,
Não o deixes ser soprado
Sem tirares o que é teu. . .
Chora quem amor te deu,
Pois neste estado acharão
Guardado com precaução
Entre outras muitas coisinhas
Para ti bellas cartinhas
Dentro do meu coração.

B. I B.

LYRA

Tu és bella, como um cravo
Em a sua perfeição,
D'estes cravos que são bellos
Que attrahindo encantos dão:
Quem me dêra; o flor d'esta
Ter-te junta ao coração.

2

Tu és meiga, melindrosa
 Como o cheiro do jasmim;
 A' ternura d'açucena
 Tu imitas, mesmo assim:
 És terna, mas, tão somente
 Não és terna para mim!..

3

Composto tão delicado
 De que se adore é credor;
 Quem pode ver impassível
 Este olhar fascinador?
 Vê meu pranto... ah! tem piedade!
 Este pranto exprime—amor!!!—

B. J. B.

NOTE.

Eu fiz voto de querer-te,
 Mil empenhos de adorar-te,
 Foi fortuna conhecer-te,
 Será desgraça o deixar-te.

GLOSA:

Desde o momento aprazível	Para fluir doce vida
Oue, Marília, pude ver-te,	Foi-me porcuizo obter-te;
No Altar do Deus de Amor	Foi mudar de sorte, oh bolla,
Eu fiz voto de querer-te.	Foi fortuna conhecer-te.

De meu terno coração	Que sejas sempre constante
Eu não posso separar-te,	Vai meu peito supplicar-te:
Pois elle faz de continuo	Se é ventura possuir-te
Mil empenhos de adorar-te.	Será desgraça deixar-te.

J. L. N.

Transcrevemos esta carta, que nos veio parár ás mãos; por a considerar-mos um escripto curioso e divertido. Conservamo-lhes a orthographia para ser mais bem apreciada.

CARTA

Adorado e emcompreensivel Bem

Eu sou muito franco e por isso não deveis estranhar que lho pegue na pena para profundar o amago do meu insolito coração e mostrar-lhe a que estado o tem reduzido a mais horrorosa das paixões!.. Conheço mais do que Vm. mesma não ser legitimo para consagrar-lhe um amor de morte espantoso.. mas que queres que eu faça, se ellas vem sem ser esperadas, e lá diz o proverbio: o que tem de ser tem muita força e a proposio disto lembra-me mandar-lhe este pedaço de latim que creio emcaixa bem aqui: *quid natura dare negare mo pote..!*

A senhora poderá chamar-me com razão de insivel, mal creado ou grosseiro, lá isso pode ser; porem de burro, não, porque eu tive o meu principio. Eu minha escarpada minha andei pelos estudos alguns 10 annos e um dos Mestres que tive que era homem e de um talento raro por mais de uma vez me certificou que eu tinha cabeça. O' mas aonde me leva o meu espavorido pensamento? não era da cabeça que eu pertendia falar-te... era do coração. Eu não tenho ligeireza para esplicar o que sinto... mas pas-são-se nelle coisas horriveis e vós ja deveis ter atinado com o que eu quero dizer. Quando eu tive a desdita de encarar pela primeira vez a claridão dos vossos olhos minha cabeça ficou tão esquentada como se fôra foles de ferreiro e o meu coração sentiu uma irritação incapaz de se arremedar; eu não creio que isto seja outra coisa senão amor e como *similis similibus* como diz os meopathas eu espero, que o meu acrisolado e insufficiente anjinho me hade encaetar no numero dos seus desconsolados adoradores e dispensar uma porção dos teus affetos a quem confessa assignar-se

Teu obscuro adorador.

P. S. Sinto muito ter te incomodado com a minha narração; espero me mande resposta pelo portador que é pessoa de responsabilidade e muito de bem, para eu ter incômodo de tornar-lhe a mandar-lhe das minhas letras.

ANECDOTAS

Escrevendo um a sua mulher assignava-se sempre assim:
Tenho a honra e prazer de assignar-me o menor marido de Vm.

Encontrando um gaiato duas senhoras, sendo uma muito feia e a outra muito formosa, exclamou: *Por esta disse Deos: deixarás pai e mãe, e por aquella: não desejarás a mulher do teu proximo.*

Um sугeito tendo recebido uma carta de sua familia pediu a um seu conhecido o favor de a ler; este fingindo fazel-o, de vez em quando interrompia a falsa leitura, dizendo: *chore, chore, senhor F....* o outro perguntava-lhe pelo que, se havia morrido alguma pessoa de sua familia, ou se tinha acontecido alguma desgraça... *chore, chore, senhor F.... pela desgraça de Vm. não saber ler... nem eu.*

Um Professor de Logica perguntando a um de seus discipulos se tudo que tivesse principio devia ter fim, respondeu-lhe este que sim; tornou-lhe o Professor, se tudo que tivesse fim devia ter principio, e teve em resposta que não; porque podia ter principiado do meio.

Um estudante de Gramatica Latina tendo tomado lição a trez seus condiscipulos, foi dar parte ao Lente e expressou-se por esta maneira: Senhor, ambos os trez souberão a lição excepto um.

Havia um Cavalheiro que tinha um filho tão zote que não abria a bocca que não dissesse uma necessidade; aconteceu morrer um seu amigo, que se havia de enterrar na Igreja de S. Francisco, e forão pae e filho convidados para o enterro. Tendo elles de se dirigirem, segundo o costume, á casa do defunto, depois do enterro, para dar os pesames á familia, recebeu o pae, que o filho soltasse alguma asneira e por isso industriou-o no camiinho o que devia dizer: 1.º Forte heroe perdeu a nossa republica 2.º A cata-

cumba estava muito bem armada—3.º Ficou sepultado em a nave esquerda de S. Francisco; mas isso não seguidamente, senão de espaço quando a conversação o permitisse. Tomou o filho muito sentido no recado e para senão esquecer foi-o repetindo pelo caminho; chegado que forão á caza do defuncto, e apenas entráráo na sala onde a viuva e sua triste familia choravão suas magoas, diz o nosso orador com uma voz arrebatada: Forte Herodes perdeu a nossa republica! O cadafalso estava bem armado! Lá ficou enterado em a nadega esquerda de S. Francisco. O acto era para chorar, mas ninguem ponde conter o riso ao ouvir tão desmarcada necessidade.

Certa Madama, vendo o grande pleito das trez Deusas representado n'um painel, perguntou a um Padre pregador: «o que significavão aquellas trez figuras anus com a maça na mão?..—Sua Reverencia (depois do ter parafusado um pouco) respondeu:—que o Pastor era o Dragão;—que com o pomo enganára Eva no paraíso, que...—Mas (replicou a Dama) Eva era uma, e não trez.—O Padre embatucou; porem logo com cara de Frade retorquiu:—O Pintor figurou n'este retabulo Eva antes do peccado, Eva no peccado, e Eva depois do peccado; e assim as trez Evas formão uma só.., São pontos da Escriptura que mulheres não devem esquadriñar.

EPIGRAMMA

Expirou... quem tal diria?
Fabricio, ebrio afamado
Nas mãos de sua inimiga...
Porque?... Morreu afogado.

B. J. B.

LOGOGRIPHO.

A primeira, procurai-me
Nas Virtudes Theologaes;
Sou d'ellas a mais precisa
P'ra salvação dos mortaes.

A primeira, com a quinta
Ninguém a pôde aturar,
O nariz incommodando,
Até nos faz nausear.

A segunda, com a quarta,
Como a ella se forrar
O homem laborioso
Sempre, sempre a trabalhar?

A segunda com a quinta
Para alguma ideia dar,
Ver-se-ha entre cohortes
A victoria a disputar.

A segunda, por mim só
Afirmo, mas nunca nego;
Diz-me o sabio muitas vezes,
Não me dirá quem for cego.

Si a um rico generoso
Um pobre pedindo está,
Tendo elle compaixão
Diz-to a quarta o que fará.

A terceira em reunião
Só no fim se me verá;
Porem mettido entre linhas
Ora aqui, ora acolá.

A quinta isoladamente
Verbo serei com certeza;
A' pobreza, a charidade
Mando o faça com presteza.

A terceira, a quarta, e a quinta
Do que provincia é menor;
Mas tratando-se de villas
E' povoação maior.

Mas do logrogrifo o todo
Quanto não é invejada?
Na terra pouco abundante
Posto que mui procurada.

Porem diloso do ente
Que na terra a possuir,
Ou d'aquelle que no ceo
Tud dita venha a fruir.

B. J. B.

CHARADAS.

1.

Quando usa o seductor
Dessa linguagem que illude
Assim acontecesse á bella
Que possui casta virtude—2

Com pequena differença
Sou synonymo de saude,
Antepondo uma vogal
Posso ser nobre ou ser rude—1

Da mais docil ávesinha
Do animal mais feroz,
Quando a morte se aproxima
Por elle se escoo velloz.

2

Branca ou preta que seja
Nao deixo de ser o que sou—1

Para servir de morada
Eu sou pouco procurada—2

Neste estado d'afflicção
Cauzo grande compaixão—1

Sou sitio frequentado
Estou no Brasil colocado.

3

Sem visto ser toco em tudo
Quando impellido sou,
A todo vivente dou vida
Alguns ha a quem morte dou—1

Meu nome na historia antiga
Procurando acharás
Cem annos antes de Christo
Minhas façanhas verás.

Venci trezentos mil Cymbrios
A Gallia pacifiquei
Guerra civil contra Sylla
Alguns annos sustentei—3

Nas cozinhas e tabernas
Onde sou mais frequente
Sirvo de Guarda a tudo
Que de mim confia a gente

V.

4

Se delecto o ouvido n'harmonia
Nunca posso agradar homem severo—1

Porque, com elle, procuraes cuidadoso
Matar-me, ó caçador, brutal, e fero?—2

Quanto é bello a sós estar
A Natura contemplando,
E na vida meditando
Ver o passaro a trinar?!
E', tão só, n'esse momento,
Que a pensante creatura
Vê de Deos a formosura,
E se arreouba o pensamento!..

Algumas vezes
O isolamento
Minora as dores,
O sofrimento.

Explicação das Charadas do n.º 5—1.ª Paixão—2.ª Paixão—
—3.ª Pateta.—

RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA DE M. J. CARDOZO & C.
Rua do Cavador n.º 91.